

volume

**25/2**

Agosto/2020

ISSN 2596-2876

ICH - UFPel



# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: Ensino de História e Educação em Tempos de Incerteza

*Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem  
especialidades em duas especialidades em duas especialidades em duas  
para casamentos, baptizara casamentos, baptizara casamentos, bapti-  
sados e banquetes. E' osados e banquetes. E' osados e banquetes. E' so-  
a unica de positarã da ufprãica de positarã da ufprãica de positarã da ufprãica  
anda Guarana Espumãanda Guarana Espumãanda Guarana Espumãan-  
te e de excellente obreãte e de excellente obreãte e de excellente obreã-  
lab Laeta, fabricãndos catãlab Laeta, fabricãndos catãlab Laeta, fabricãndos catã-  
S. Paulo pelos Ses. Zus. Paulo pelos Ses. Zus. Paulo pelos Ses. Zus.  
nãtta Leonãiro & Compãtta Leonãiro & Compãtta Leonãiro & Compã-  
J. Cantãitãra Brãto. J. Cantãitãra Brãto. J. Cantãitãra Brãto.*



Hist. Rev. Pelotas Número 25/2 p.1 - 215 ago. 2020



**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitor*

Pedro Rodrigues Curi Hallal

*Vice-Reitor*

Luis Isaías Centeno do Amaral

*Direção de Gabinetes da Reitoria*

Taís Ullrich Fonseca

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cossio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Francisca Ferreira Michelin

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Mário Renato de Azevedo Jr.

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação*

Julio Carlos Balzano de Mattos

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Otávio Martins Peres

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Sérgio Batista Christino

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Pres. do Conselho Editorial:* João Luis Pereira

Ourique

*Repr. das Engenharias e Computação:* Darci Alberto

Gatto

*Repr. das Ciências Biológicas:* Flávio Roberto Mello Garcia e Marínes Garcia (suplente)

*Repr. das Ciências da Saúde:* Francisco Augusto Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina (suplente)

*Repr. das Ciências Agrônômicas:* Cesar Valmor Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente)

*Repr. das Ciências Humanas:* Márcia Alves da Silva e Cláudio Baptista Carle (suplente)

*Repr. das Ciências Sociais Aplicadas:* Carla Rodrigues Gastaud

*Repr. das Linguagens e Artes:* Josias Pereira da Silva e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Ana Loner*

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)  
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editores:* Sirlei Teresinha Gedoz | Halferd Carlos Ribeiro Junior | Alessandra Gasparotto

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Carlos Eduardo Sperb

*Pareceristas ad hoc:* Alba Cristina Couto dos Santos Salatino (IFRS) | Carla Beatriz Meinerz (UFRGS) | Claudia Daiane Garcia Molet (UFPel) | Debora Clasen de Paula (UFFS) | Gerson Wasen Fraga (UFFS) | Katani Maria Monteiro Ruffato (UCS) | Lisiane Sias Manke (UFPel) | Mairon Escorsi Valério (UFFS) | Nilton Mullet Pereira (UFRGS) | Vera Lúcia Maciel Barroso (Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre)

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

*Edição:* 2020/1

ISSN – 2596-2876

**Dados de catalogação na fonte:**

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.25/2, (ago. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020.  
1v.

Semestral  
ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat Online Computer Library Center**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

*e-mail:* [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

**\* obra publicada em dezembro de 2020**



Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume.

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO</b>	
	INTRODUCTION	
Sirlei Teresinha Gedoz   Halferd Carlos Ribeiro Junior   Alessandra Gasparotto		<b>06</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ROMPENDO AS FRONTEIRAS HISTÓRICAS SOBRE O FAZER DOCENTE		
TEACHER TRAINING: BREAKING HISTORICAL BORDERS ON DOING TEACHER		
Shirlei Alexandra Fetter   Raquel Karpinski   Denise Regina Quaresma da Silva		<b>11</b>
SER PROFESSOR DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE CRIMINALIZAÇÃO DO FAZER DOCENTE		
BE A HISTORY TEACHER IN THEACHER CRIMINALIZATION TIMES		
Elvis Patrik Katz   Andresa Silva da Costa Mutz		<b>28</b>
O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA: OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA REGIÃO DE ERECHIM/RS		
THE HISTORY EDUCATION OF ÁFRICA AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE: THE CHALLENGES OF ANTIRACIST EDUCATION IN THE ERECHIM/RS REGION		
Luciana da Veiga		<b>47</b>
HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFRO-BRASILEIRA: AUTONOMIA NO ENSINAR E APRENDER		
AFRICA AND AFRICA'S HISTORY: AUTONOMY IN TEACHING AND LEARNING		
Aristeu Castilhos da Rocha		<b>70</b>
ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DE MAQUETES DO LASCA-UFSM		
TEACHING AFRO-BRAZILIAN HISTORY THROUGH LASCA-UFSM MODELS		
Valeska Garbinatto   André Luis Ramos Soares		<b>96</b>
SABERES E VALORES DAS PESSOAS NEGRAS EM MOVIMENTO: ENSINAR HISTÓRIA EM COLETIVIDADES EMANCIPATÓRIAS		
KNOWLEDGE AND VALUES OF BLACK PEOPLE IN MOTION: TEACHING HISTORY IN EMANCIPATORY COLLECTIVITIES		
Maurício da Silva Dorneles   Carla Beatriz Meinerz		<b>114</b>
COMO TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PRODUZIDA NOS MUSEUS E EM OUTROS ESPAÇOS? UMA EXPERIÊNCIA ENTRE O MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO E O CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR UP, CAPÃO DO LEÃO-RS		
HOW TO WORK WITH HERITAGE EDUCATION PRODUCED IN MUSEUMS AND OTHER SPACES? AN EXPERIENCE BETWEEN THE MEMORIAL DA RESISTÊNCIA AND THE CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR UP, CAPÃO DO LEÃO-RS		
Milena Rosa Araújo Ogawa   Amanda Nunes Moreira		<b>132</b>

APRENDIZAGEM HISTÓRICA E GÊNERO: UMA EXPERIÊNCIA COM AULA OFICINA HISTORICAL LEARNING AND GENDER: AN EXPERIENCE WITH WORKSHOP CLASS	Amanda Nunes Moreira	155
“NÃO É PRECISO QUEIMAR SUTIÃS EM PRAÇA PÚBLICA”: O DIA INTERNACIONAL DA MULHER ATRAVÉS DO JORNAL PIONEIRO	“NO NEED TO BURN BRAS IN PUBLIC SQUARE”: INTERNATIONAL WOMEN'S DAY THROUGH PIONEIRO NEWSPAPER	179
UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DA HISTÓRIA	Rúbia Hoffmann Ribeiro   Eliana Gasparini Xerri	199
A PICTURES IS WORTH A THOUSAND WORDS: CONSIDERATIONS ABOUT USING PHOTOGRAPHY IN HISTORY EDUCATION	Isabella Czamanski Rota	

# UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DA HISTÓRIA

A PICTURES IS WORTH A THOUSAND WORDS: CONSIDERATIONS ABOUT USING PHOTOGRAPHY IN HISTORY EDUCATION

Isabella Czamanski Rota<sup>1</sup>

---

**Resumo:** A História Cultural, com sua maneira diferenciada de encarar as fontes históricas e os acontecimentos do passado, torna possível interpretações e análises dos acontecimentos, que até então eram apenas expostos como fatos em uma sequência cronológica. Levando esta mudança de paradigma para a sala de aula, é possível considerar mais de uma forma de tornar o ensino muito mais analítico. Ao se utilizar as fotografias em sala de aula, abrem-se possibilidades conforme os alunos passam a visualizar diferentes momentos registrados, sempre entendidos como uma forma de representação e não um espelho da realidade. Este artigo visa apresentar as mudanças ocorridas na maneira de se entender o conhecimento histórico e como isto afeta a maneira que a História pode ser ensinada em sala de aula, com foco no uso da fotografia e suas possibilidades no ensino de acontecimentos dos últimos dois séculos, bem como nas mudanças ocorridas na paisagem urbana, nas relações sociais e quaisquer outras informações que os historiadores sejam capazes de ler a partir das fotografias.

**Palavras-chave:** Ensino, Ensino da História, Fotografia, História, História Cultural.

**Abstract:** Cultural history, with its differentiated approach to historical sources and past events, makes possible interpretations and analyzes of events, which until then were merely exposed as facts in a chronological sequence. By taking this paradigm shift into the classroom, it is possible to consider more than one way to make teaching much more analytical. By using photographs in the classroom, possibilities open up as students begin to view different recorded moments, always understood as a form of representation and not a mirror of reality. This article aims to present the changes in the way of understanding historical knowledge and how it affects the way history can be taught in the classroom, focusing on the use of photography and its possibilities in teaching events of the last two centuries, as well as changes in the urban landscape, social relations, and any other information historians are able to read from photographs.

**Key-words:** Cultural History, History, History Teaching, Photography, Teaching.

---

## Introdução

Os estudos históricos na academia, iniciados no século XIX, passaram por uma série de fases até chegarem ao formato praticado atualmente. Entre elas, houveram momentos em que a pesquisa histórica era completamente amadora, baseada em colecionismos e achismos, utilizando apenas textos escritos, onde entusiastas eram responsáveis por manter enormes acervos de itens adquiridos através de pilhagem e trocas injustas, tirando objetos de seus contextos, o que gerou uma série de más-interpretações acerca de seus usos e significados.

Durante o século XX, porém, a História foi repensada e reformulada mais de uma vez,

---

<sup>1</sup> Doutoranda e mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Pesquisa a escrita do conhecimento histórico através da fotografia. E-mail: bellacza@gmail.com

passando por fases como o Positivismo, a História Metódica e a Escola dos Annales. Nesta, a História começou a ganhar os contornos atuais. Ela deixa de ser apenas fatos organizados através de uma linha temporal e passa a ser analítica, baseada em contextos e interpretações, além de dar visibilidade a situações e atores até então ignorados (BURKER, 1992, p.11).

Dentre as mudanças ocorridas durante o século passado no estudo da História também deve ser destacada a forma como os documentos não-escritos passam a ter importância. O historiador modernista Lucien Paul Victor Febvre (1878-1956), cofundador da Escola dos Annales, advertiu que a história também pode ser reconstituída quando os documentos escritos não existem. Este historiador ainda sugere procedimentos de investigação que recomendam a análise das evidências detectadas nas fontes históricas como interpretação, nunca como representação do passado.

Apesar destas mudanças, a forma positivista de entender a História, que valoriza muito mais a política do que a cultura, seria, por muito tempo, utilizada no seu ensino. Ainda hoje a História é apresentada como uma linha do tempo, ainda que sua análise tenha sido, cada vez mais, incentivada em sala de aula, principalmente através de leituras.

Os documentos não-textuais entraram em sala de aula de forma muito mais tímida do que no meio acadêmico, uma vez que o valorizado até então era a exposição de fatos de forma linear e o aluno deveria memorizá-los como verdades inquestionáveis. Esta metodologia foi baseada no Positivismo, para o qual o fato é mais importante que o processo histórico.

Neste artigo discutiremos a relação entre um dos documentos não-textuais, a fotografia, e o ensino da história. Lançada mundialmente em 1839 e com crescente importância para a sociedade a partir da década de 1950, em decorrência do acesso à tecnologia ser cada vez mais facilitado, os registros fotográficos passam a ter sua presença concretizada na vida diária de grande parte da população mundial, seja através de fotografias familiares expostas em casa ou daquelas disponíveis em jornais e revistas.

Ainda que o título do presente artigo seja uma frase clichê, utilizada um sem-número de vezes até os dias atuais, nada descreve melhor o impacto que a imagem traz para aquele que a vê. “Uma imagem vale mais do que mil palavras” é uma expressão que possui equivalentes em outras

línguas e seu significado pode ser facilmente entendido. As imagens causam uma série de sentimentos ao expectador, que um texto escrito raramente seria capaz de causar. Uma fotografia de guerra, por exemplo, pode gerar revolta, desgosto ou orgulho aquele que a observa. Um texto escrito precisaria descrever a cena e guiar o leitor através dos sentimentos que desejasse que ele sentisse, um a um.

O que explica o aparente sucesso das imagens nos mais diversos campos, segundo Joly (1996, p.42), é o fato de que

A imagem, “linguagem universal” – Muitas razões explicam essa impressão de leitura “natural” da imagem, pelo menos da imagem figurativa. Em particular, a rapidez da percepção visual, assim como a aparente simultaneidade do reconhecimento de seu conteúdo e de sua interpretação.

A fotografia, bem como outras iconografias, pode, senão, deve, ser utilizada como mediador cultural no ensino da história. Dentre os benefícios de seu uso se encontram a possibilidade de melhor visualizar aspectos físicos de determinados períodos, bem como aproximar emocionalmente os alunos do contexto analisado, como será melhor discutido no decorrer deste artigo.

A seguir, no tópico intitulado “História e fotografia”, será vista uma revisão acerca da forma como os registros fotográficos foram utilizados até então dentro da disciplina histórica, bem como sua historicidade inerente e a forma como a História vem fazendo uso de suas possibilidades até então.

No tópico posterior, denominado “Fotografia e educação”, a relação entre a fotografia e o ensino da história será discutida, apresentando seus usos até então e sugestões de formas como os registros fotográficos podem mediar o ensino analítico da história. Ainda nesta segunda metade do artigo, será apresentado um estudo de caso de duas aulas similares ministradas para alunos da graduação em História (licenciatura), da Universidade de Passo Fundo (UPF), exemplificando o uso da fotografia em aula em um momento que teve resultados positivos para grande parte dos envolvidos, sejam alunos, seja docente.



## História e fotografia

Até o final do século XIX, ao ser utilizada como ilustração para textos, tinha-se como certo que a fotografia era um espelho do real; ou seja, tudo nela representado seria registrado como se vivido tal e qual. Nesse sentido, Borges (2008, p. 16, grifo nosso) afirma que “quando utilizada sob essa perspectiva, a imagem fotográfica está sendo concebida como um *dado natural*, quer dizer, como testemunho puro e/ou bruto dos fatos sociais”.

No final do século XIX as fotografias eram rejeitadas como documentos completos. Elas possuíam apenas o valor de ilustração, prova ou testemunho, documento complementar para a construção de narrativas positivistas lineares e evolutivas. Desempenhavam papéis pedagógicos de acentuado caráter narrativo e alegórico. A autenticidade do registro fotográfico exigia sua confirmação em documentos escritos que lastreavam a imagem ou a desqualificava.

Devido à propriedade de suscitar sentimentos, há quem considere que fotografias não podem ser consideradas para a análise histórica, especialmente se não estiverem acompanhadas por textos. Porém, intrínseca à sua própria característica imagética, além de sentirmos emoções, podemos ler informações, entender situações, descrever paisagens, objetos e pessoas de forma não textual, imaginar épocas e pessoas, invocar memórias. É necessário considerar que uma imagem fotográfica pode, em mais de uma ocasião, ser mais expressiva que alguns documentos escritos.

Mesmo que a discussão tenha sido levantada na primeira metade do século XX, foi apenas depois da década de 1960 que fontes iconográficas passaram a ser consideradas importantes para a História. Segundo Meneses (2003, p. 21-22),

As iniciativas em torno da história da fotografia e da imagem fotográfica são consistentes, aqui e em outras plagas. É o campo que melhor absorveu a problemática teórico-conceitual da imagem e a desenvolveu intensamente, por conta própria. É também o campo que mais tem demonstrado sensibilidade para a dimensão social e histórica dos problemas introduzidos pela fotografia, multiplicando-se os enfoques: ideologia, mentalidades, tecnologia, comercialização, difusão, variáveis políticas, instituição do observador, estandardização das aparências e modelos de apreensão visual, quadros do cotidiano, marginalização social, etc., etc. É também a fotografia que provocou o maior investimento em documentação, com a organização de bancos de dados, a maioria já informatizados (grandes coleções institucionais de iconografia urbana, álbuns de família, documentação de categorias sociais, eventos ou situações — como guerras, conflitos, migrações, fome, pobreza, etc.). Na organização das “memórias” (de partidos políticos como o PCB, ou de

eventos como a Revolução Constitucionalista de 1932, ou a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, ou a campanha de Canudos ou do Paraguai, ou ainda nas memórias empresariais, e assim por diante) predomina a fotografia. Aqui se deve menção ao fotojornalismo, apenas para explicitar que ele tem sido mais tratado como fornecedor de matéria-prima para tais bancos de dados do que contribuidor para a construção de modelos de visão de coisas, eventos, processos ou, então, fator ativo dos regimes escópicos.

Embora haja muitas dificuldades em analisar a imagem fotográfica sem referencial escrito, não é possível entendê-la como simples percepção sensorial, separada de sua historicidade. A ausência do documento escrito pode ser superada com uma sequência de registros fotográficos, mas, como em todo documento, existe a possibilidade de registros falsos, montagens criadas anterior ou posteriormente ao clique do fotógrafo na câmera fotográfica.

A fotografia em si, como as demais fontes historiográficas, não é a representação fiel dos fatos nem testemunhas isoladas, não é explicativa por si mesma, mas poderá ser confirmadora de mudanças ocorridas ao longo de um período. Por outro lado, é necessário advertir que o uso da fotografia como fonte histórica não dispensa o emprego de metodologias capazes de extrair informações corretas de sua imagem, mesmo que seja uma sequência fotográfica.

As práticas fotográficas devem ser entendidas dentro de um campo de forças, em que cada indivíduo ou grupo se posiciona e, a partir deste lugar, apropria-se da fotografia como um marcador social. A imagem fotográfica possui um discurso, uma linguagem interessada para circular numa arena de poder e dentro de estruturas institucionais responsáveis pela produção de consensos que têm como eixo interesses dominantes.

Uma imagem fotografada possui informação da realidade registrada e, igualmente, historicidade. Ela é histórica por sua própria natureza, seja ela como objeto material, seja como representação do real. Canabarro afirma “que a fotografia se insere em um determinado momento da história e serve como fonte para a sua reconstituição” (2011, p. 31). Cabe ao historiador analisá-la como fonte documental histórica tão completa em significados quanto aquelas consideradas tradicionais, como os documentos escritos.

Ela, porém, difere de outros tipos de iconografia como pinturas, desenhos, gravuras e ilustrações, já que comporta dados de fatos objetivos da realidade apreendida, de lugares que existem

ou existiram, e de pessoas e sociedades que viveram em um momento determinado. A fotografia, analisada com o auxílio de outras fontes históricas permite muitas reflexões sobre as intervenções humanas nos espaços urbanos, as realizações materiais na paisagem, possibilitando a expressão do imaginário social, político e econômico dos sujeitos pertencentes deste núcleo observado, consentindo a divulgação e preservação de uma memória cultural da cidade.

Sobre o assunto, Canabarro (2005, p. 24) afirma que “inúmeros acervos de imagens espalhados por todo o Brasil são capazes de revelar situações inéditas da cultura brasileira”, o que, por si só, justifica seus usos para a produção de conhecimento nas Ciências Sociais e Humanas. Ainda que seu valor seja evidente para História Cultural, também não se deve descartar seus usos em outros tipos de estudos, como econômicos, políticos e sociais em geral.

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos, e por consequência, da realidade que os originou. (KOSSOY, 2003, p. 32)

Kossoy, bem como outros autores, como Mauad (1996) e Possamai (2008), defendem que o estudo através dos registros fotográficos necessita de uma metodologia própria. Mauad (1996, p. 89) ainda complementa que estes estudos devem ser feitos em cima de coleções consistentes, uma vez que a análise de uma fotografia isolada pode não oferecer contexto o suficiente para o estudo.

Meneses, conforme cita Lima e Carvalho (MENESES *apud* LIMA; CARVALHO, 2011), sugere dois níveis de análise iconográfica, que ele chama de análise morfológica e análise do contexto de produção e circulação.

Na primeira, são listados os atributos formais da fotografia, expressos bidimensionalmente e assentados em um sistema de representação. É a descrição do conteúdo exato da fotografia. Já no segundo tipo de análise, são envolvidas reflexões desde as motivações do fotógrafo, condições materiais da imagem produzida (equipamentos, se foi realizada em estúdio ou não, se feita por amador ou profissional, destinada a que tipo de circulação) até os desdobramentos da circulação e as formas de apropriação que implicam ressignificações.

A partir desta metodologia é possível realizar análises em diferentes esferas da

documentação fotográfica. Algumas sugestões de análise, considerando o contexto da circulação do registro, são a análise de fotografias no contexto jornalístico, onde podem ser analisadas as repetições da imagem em diferentes fontes jornalísticas, assim como as referências textuais ou verbais a ela, como críticas e especulações; imagens em cartões postais ou álbuns turísticos, onde se analisa, além da imagem de que é suporte, os textos e inscrições, identificando recorrências temáticas e de composição na série de documentos ou produções de ampla difusão; e o retrato de família, onde a análise deve levar em conta seu teor simbólico porque é orientado por convenções na escolha da cenografia e da pose. Este tipo de fotografia cumpre funções afetivas e didáticas ao materializar regras familiares e ritos sociais (como casamentos).

O pesquisador, quando analisa uma imagem fotográfica, deve relacionar aquele momento e o espaço que está na fotografia e o momento que ele está vivendo. Deve observar que a distribuição dos objetos no espaço fotográfico não é gratuita. O lugar dos corpos também não é considerado espontâneo, eles traduzem orientações: linhas de autoridade, de subordinação, de hierarquia, deixando claro a cultura e política de suas relações sociais (LISSOVSKY, 1983, p. 118). As técnicas de análise interna da fotografia devem considerar os seguintes elementos inerentes às marcas da sua temporalidade e historicidade: expressão e conteúdo; tempo e espaço; percepção e interpretação.

Responder questões como: Quem a produziu? A partir de que valores? De qual grupo cultural? Para quem foi produzida? Com que intenções? Observando os seguintes procedimentos como a análise detalhada das evidências internas e a comparação das fotografias com outras imagens; identificação da história da fotografia, incluindo as limitações e convenções tecnológicas; estudo das intenções e dos propósitos do fotógrafo e da maneira pela qual as imagens foram usadas pelo seu criador ou detalhes da composição do cenário desprezado pela atenção do fotógrafo, mas captados pela velocidade da câmara fotográfica; observação do objeto fotografado e suas relações entre si; revisão das evidências históricas relacionadas, incluindo o exame dos usos já feitos das imagens por outros.

Há diferença entre a pesquisa histórica *acerca e através* da fotografia. A primeira diz respeito ao estudo da história da fotografia, seus idealizadores, sua trajetória, sua popularização e seu impacto

perante a sociedade. Já a segunda se dá quando um assunto é pesquisado fazendo uso do registro fotográfico como documento, como, por exemplo, análises acerca da imigração através do que é possível descobrir ao se analisar fotografias feitas dos ou pelos próprios imigrantes.

Ainda que diferentes, as duas formas costumam ser utilizadas em conjuntos nos estudos analíticos de fotografias, principalmente no Brasil, conforme assinala Canabarro (2005, p. 30). Por vezes se faz necessário utilizar dados da trajetória fotográfica para contextualizar uma determinada pesquisa que venha fazendo uso da fotografia como principal fonte histórica.

A fotografia, a partir da História Cultural, é utilizada não mais como apenas ilustração de textos, mas como um documento completo e válido, ainda que, como todos os outros tipos de documentos, uma pesquisa baseada na fotografia como principal documento necessite do uso de documentos secundários, para complementar dados e enriquecer o estudo feito, permitindo o preenchimento de lacunas que o pesquisador não é capaz de identificar apenas através do registro.

O registro fotográfico como fonte histórica é relevante, mas é preciso considerar que, assim como os testemunhos orais e textos escritos, deve ser tratado como um vestígio de uma época que possibilite o entendimento de uma realidade e a elaboração de uma versão do passado. Assim como os outros documentos imagéticos, ela não deve servir apenas como ilustração, mas como fonte primária e direta, possibilitando diferentes visões sobre aspectos já conhecidos e também a revelação de outros desconhecidos, através das fontes consideradas tradicionais, como os documentos escritos.

### **Fotografia e educação**

O ensino da História, ao considerarmos as escolas de ensino básico, principalmente, está concentrado no uso do livro didático. Existe a tendência de se ensinar o conteúdo textual pronto, de momentos históricos passados, ignorando temáticas que estão sendo discutidas na atualidade ou a análise histórica a partir de temas exaustivamente apresentados (BITTENCOURT, 1997, p. 69).

O ensino da História pode ocorrer através da iniciação ao método de pesquisa histórica, que leva em consideração as análises proporcionadas pela História Cultural. Este tipo de metodologia

pode se tornar uma forma de motivação para o aluno, já que o coloca perante da necessidade de procurar informações por si próprio, gerando explicações para o que está sendo estudado no momento. Neste tipo de ensino, o documento deve ser o ponto de partida para toda a atividade de pesquisa e entendimento histórico, não funcionando apenas como ilustração das palavras do professor. Porém, sempre que possível, este tipo de atividade didática não se deve limitar apenas aos documentos escritos.

O ensino pela descoberta tem, contudo, alguns limites, visto que não se pode limitar a pôr os alunos em contato com as fontes sem haver algum tipo de orientação por parte do professor. Se o trabalho não for guiado de alguma maneira, os alunos acabam por se deparar logo de início com problemas de seleção de fontes. Portanto, é preferível chamar esta metodologia de “descoberta guiada”, já que o professor não pode renunciar do seu trabalho de orientador da aprendizagem (PROENÇA, 1990, p. 58).

Fazer uso de documentos nas aulas de História pode ser considerado importante por favorecer a introdução do aluno no pensamento histórico, em uma iniciação aos próprios métodos de trabalho do historiador. Neste sentido,

muitos professores que os utilizam consideram-nos um instrumento pedagógico eficiente e insubstituível, por possibilitar o contacto com o “real”, com as situações concretas de um passado abstrato, ou por favorecer o desenvolvimento intelectual dos alunos, em substituição de uma forma pedagógica limitada à simples acumulação de factos e de uma história linear e global elaborada pelos manuais didáticos. Os documentos também são materiais mais atrativos e estimulantes para os alunos e estão associados aos métodos ativos ou ao construtivismo (BITTENCOURT, 2008, p. 327).

Entretanto, não se deve ter a pretensão de considerar cada aluno como um historiador. Em vez disso, é necessário torná-los capaz de adquirir

competências específicas, inerentes ao método histórico, de grande utilidade na formação cívica do jovem. A aquisição de instrumentos intelectuais, que possam ser aplicados à compreensão do presente, é vista como parte importante da função formativa da História, garantindo-lhe desse modo lugar de relevo no currículo de qualquer escolaridade de base (FELGUEIRAS, 1994, p. 21).

Pode-se distinguir como recursos didáticos três tipos de documentos, os escritos, os materiais (como objetos de arte, do cotidiano, construções,) e os visuais/audiovisuais (como imagens estáticas, em movimento, iconografias, músicas). Ao se fazer a análise de um documento

transformado, de certa forma, em material didático, deve-se levar em conta a articulação entre os métodos do historiador e os pedagógicos, além das especificidades de cada tipo de documento.

Uma proposta de análise em sala de aula deve sempre articular os processos aos objetivos, como sugere Moniot (1993, p. 184). Esta é uma proposta que se adequa a qualquer documento utilizado nas aulas, mas existem estratégias adequadas aos diferentes tipos de documentos. Quanto à análise específica da fotografia, as referências bibliográficas são mais escassas comparativamente à utilização de outros tipos de iconografias em aulas de História. Por causa disso, é possível que o professor se baseie nas metodologias acadêmicas ao buscar utilizar a fotografia em sala de aula.

O professor que não tiver as bases necessárias pode enveredar pelos procedimentos do questionamento histórico utilizado para as fontes orais, tendo em conta a natureza dos registros fotográficos e as suas intenções pedagógicas. Felgueiras explica que “a dimensão visual fornece um contributo valioso ao ensino da História, que deverá ser tomada como campo de investigação e exploração por parte dos alunos e não como mero documentário ou ilustração de aspectos a estudar” (FELGUEIRAS, 1994, p. 79).

Deste modo, o uso de imagens no ensino de História surge como um desafio ao professor, uma vez que fala de um tempo e também de um espaço, que não é dele ou do aluno. Elas podem desempenhar um papel tão importante como o documento escrito quando analisadas de forma a fornecerem e sistematizarem conhecimentos, já que, através das imagens, é possível transmitir grande número de informações sobre costumes, crenças, cerimônias, pessoas, entre outros diversos assuntos de cunho cultural, econômico, político, apenas a título de exemplo.

Apesar das suas potencialidades, a imagem foi, durante muito tempo, menosprezada no ensino e, como afirma Calado, há ainda um longo caminho a ser percorrido pelos educadores tendo em conta que

como *bors-d'oeuvre* de ensino é servida não somente a imagem, como, em geral, todos os meios audiovisuais. O que, mais uma vez, pode revelar – se por isto entendermos que a imagem permanece num lugar relativamente lateral relativamente ao trabalho desenvolvido na sala de aula – que eles não foram ainda integrados numa pedagogia verdadeiramente ativa (CALADO, 1994, p. 110).

A linguagem é um dos princípios fundamentais do conhecimento, pois está relacionada com as tentativas de perceber a realidade. A fotografia, por ser uma forma de linguagem imagética, atua como mediadora para a percepção do mundo e para o processo de construção do conhecimento sobre a realidade. A produção do conhecimento, por sua vez, não ocorre diretamente entre sujeito e objeto, passa pela ação mediadora de professores, linguagens, ferramentas.

Para que o ensino de História, todavia, seja levado a bom termo, [...], torna-se necessário que o professor inclua, como parte constitutiva do processo ensino/aprendizagem, a presença de outros mediadores culturais, como os objetos da cultura material, visual ou simbólica, que ancorados nos procedimentos de produção do conhecimento histórico possibilitarão a construção do conhecimento pelos alunos, tornado possível “imaginar”, reconstruir o não-vivido, diretamente, por meio de variadas fontes documentais. (SIMAN *in* ZARTH, 2004, p. 88)

O uso de ferramentas auxiliares no ensino possui o objetivo não de transmitir o conhecimento, as ideias, mas sim, de os mediar, fazendo o meio-campo entre o assunto apresentado e o aluno, auxiliando o processo de construção do conhecimento. Siman (2004) pontua que esta mediação precisa acontecer através de outros objetos culturais que não apenas textos didáticos. Além de diferentes abordagens dos assuntos discutidos em sala de aula, estes mediadores culturais também possibilitam uma renovação nos exercícios praticados dentro e fora da sala de aula.

Molina (2007), ao elaborar acerca da questão da leitura de imagens em sala de aula, afirma que professores, apesar de reconhecerem “as potencialidades da imagem enquanto ferramenta de comunicação pedagógica”, fazem uso destas imagens em suas aulas como transmissoras e não mediadoras de conteúdos aos alunos, numa parca tentativa de “motivá-los em um momento de aprendizagem, captar a atenção ou estabelecer conexões com temas apresentados” (MOLINA, 2006, p.24). Ela explica que

[...] as imagens usadas em sala de aula não devem sê-lo gratuitamente, mas é necessário conhecer seus componentes semânticos para adequá-los aos objetivos propostos. Assim, o desafio e o limite imposto ao professor de história serão o de redimensionar e explorar as competências específicas da imagem, não somente para motivar e envolver, mas re-elaborar, recodificar, ordenar e organizar conceitos, transformando uma relação sócio-afetiva com a imagem em uma situação de cognição. (MOLINA, 2006, p.25)

Ainda que levar fotografias para a sala de aula possa contar como uma série de barreiras, como a falta de projetores para expô-las de forma digital ou mesmo a impossibilidade de levá-las



fisicamente até os alunos (avulsas, em álbuns, revistas ou livros), há, ainda, uma possibilidade pouco explorada que é a utilização de imagens de livros didáticos de forma crítica durante as aulas (BITTENCOURT, 1997).

A pesquisa em registros fotográficos possibilita a análise de presenças e ausências. É necessário que o professor tenha em mente sua própria análise antes de sugerir-la aos alunos, ainda que cada um terá diferentes pontos a ressaltar acerca de um mesmo conjunto de fotografias, o que agrega ainda mais significados durante o ensino.

Uma das características da fotografia que a tornam um documento tão interessante é a forma como ela possui um sentido próprio, capaz de evocar diferentes emoções em seu expectador. Além disso, o fato de possuir uma historicidade inerente, como observado anteriormente, durante a trajetória histórica dos registros fotográficos, são questões que os tornam tão propícios para o uso no ensino da História.

A seguir, serão expostos dois casos em que o uso da fotografia em aula mudou a dinâmica de forma positiva, bem como explorou assunto até então desconhecidos para duas turmas de alunos da graduação em História, da UPF, como forma de ilustrar uma das possibilidades que o uso da fotografia em sala de aula pode proporcionar.

Em 2017 e, novamente, em 2019, ministrei duas aulas acerca da fotografia e seu uso como fonte primária nos estudos históricos, ambas as vezes como pré-requisito para a formação em andamento, da primeira vez para o mestrado e, da segunda, durante o doutoramento. Para que o principal objetivo das aulas fosse concluído – que os alunos percebessem as possibilidades que o uso da fotografia nos estudos históricos traz – foi criada, para ambas as ocasiões, duas apresentações digitais.

A primeira, intitulada “A história da fotografia através da fotografia”, trazia uma série de imagens importantes sob o ponto de vista histórico da fotografia como tecnologia, como, por exemplo, a primeira fotografia capturada por Joseph Nicéphore Niépce que durou permanentemente, em 1826. A segunda apresentação foi feita organizando informações acerca do histórico da fotografia como documento histórico, bem como sugestões de usos em estudos da História, como baseados em

seu contexto de circulação, a exemplo das fotografias familiares e do fotojornalismo.

Após os momentos expositivos da aula, um exercício foi proposto em ambas as turmas. Uma série de fotografias originais feitas durante o século XX, pertencentes ao núcleo familiar da presente autora, em datas e momentos diferentes, foi levada e entregue aos alunos, para que cada um escolhesse uma para desenvolver o trabalho em aula. Luvas foram distribuídas, para que eles não encostassem diretamente nas fotografias, aproveitando para que fossem informados que o manuseio incorreto é um dos maiores riscos para a deterioração das fotografias em papel.

A partir da fotografia escolhida, cada aluno deveria preencher duas tabelas que foram levadas impressas, a primeira denominada “Ficha de elementos da forma do conteúdo”, onde foram anotadas informações acerca do conteúdo da fotografia, como pessoas, objetos, elementos presentes na paisagem, e, a segunda, “Ficha de elementos da forma da expressão”, onde se registraram informações acerca da forma física da fotografia analisada, bem como informações técnicas e metodologias empregadas para fazê-la. Ambas as tabelas foram baseadas nas análises fotográficas sugeridas por Meneses (MENESES *apud* LIMA; CARVALHO, 2011), conforme visto anteriormente. O objetivo deste exercício foi se fazer entender a quantidade de informações que uma única fotografia pode fazer o historiador perceber, bem como apresentar um dos passos metodológicos da análise fotográfica.

Se houvesse ainda mais tempo disponível, o próximo passo seria apresentar aos alunos como fazer uso das informações anotadas, onde se escreveria uma pequena parte da História com base no que foi observado anteriormente, entremeando estas informações com bibliografias pertinentes e, ainda, informações obtidas através de outros tipos de fontes, a exemplo dos próprios textos escritos, mas também fontes arqueológicas, orais, entre quaisquer outras que fossem pertinentes.

A primeira turma contou com apenas três alunos presentes. Por se tratar de um pequeno número, foi possível dar atendimento individual quando dúvidas surgissem. Ainda que nenhum deles tivesse a intenção de trabalhar com imagens em seus trabalhos de conclusão, a experiência foi positiva, quebrando o ritmo das aulas e apresentando um assunto diferente, que poderá ser lembrado no

futuro, quando eles se depararem com imagens que gostariam de analisar em seu trabalho como historiadores.

Já a segunda turma contou com a presença de 16 alunos. Diferente da primeira, esta turma foi mais comunicativa, onde os alunos agregaram informações no decorrer da exposição e, quando da feitura do exercício, parte considerável da turma se mostrou receptiva e interessada em saber mais acerca das fotografias apresentadas. Um dos alunos, inclusive, se demorou muito além dos outros para escolher a fotografia com a qual trabalhar, uma vez que quis olhar cada uma das disponíveis, interessado no que elas tinham a mostrar e, ao final da aula, ele pediu mais informações acerca das fotografias, como onde foram feitas, por quem, em que datas.

O saldo de ambas as aulas foi significativamente positivo para a autora, que pode perceber a empolgação de boa parte dos alunos. Ainda que seja possível ter certeza apenas dos seus próprios sentimentos acerca, se a experiência não tivesse sido positiva para a maioria, certamente teria sido possível perceber, e o clima das aulas não teria sido o mesmo vivenciado.

### **Considerações finais**

A fotografia se tornou historicamente importante durante o século XX, portanto, seu valor perante à educação não passou despercebido durante muito tempo. O uso da fotografia em estudos históricos ainda se limita, muitas vezes, à ilustração de textos, sem que seu conteúdo seja devidamente analisado, bem como seu contexto de produção e circulação, onde informações preciosas podem ser encontradas.

Da mesma forma, a fotografia não ocupa posição de destaque no campo do ensino da História. A sua presença em livros didáticos não é expressiva e, por vezes, se dá de forma errática, sem que seu real contexto seja elucidado no decorrer do texto que a cerca, bem como em tamanho desfavorável para perceber suas minúcias com clareza.

O potencial da fotografia como documento histórico foi percebido no decorrer do século passado, durante a reforma documental pela qual a disciplina histórica passou, em consequência do

trabalho dos estudiosos que participaram da Escola dos Annales. Seu uso na academia, porém, só se intensificou a partir da década de 1960, na Europa, e os anos 2000, no Brasil. As metodologias de análise da fotografia são recentes e muito menos exploradas do que seria desejável, ainda que, segundo Barros (2009), dentre outros tipos de iconografias, a fotografia tenha se destacado como fonte histórica e provado seu valor através de estudos cada vez mais elucidantes e aprofundados acerca de aspectos da sociedade até então não explorados sob a ótica das imagens.

Faz parte do trabalho do acadêmico também repassar este tipo de conhecimento e a potencialidade das fontes históricas para as novas gerações. Os professores, ao ensinarem a história de forma analítica, não apenas expositiva, podem contar com uma série de possibilidades ao buscar trazer para sala de aula diferentes fontes que não apenas as escritas. Ainda que filmes tenham sido utilizados há mais tempo como uma ferramenta de ensino, não apenas nas Ciências Sociais, as imagens estáticas parecem oferecer um desafio muito maior aos docentes, tanto na hora do preparo de atividades que as utilizem de forma plena, bem como no momento de executá-las, onde os alunos podem não reagir da maneira esperada, um risco sempre presente, independente da forma de ensino escolhida.

Estes riscos, porém, valem a tentativa. Registros fotográficos tendem a invocar memórias e uma série de sentimentos no espectador, o que, por si só, já torna as chances de sucesso em seu uso em sala de aula maiores do que se comparado com o uso exclusivo de textos escritos ou outros tipos de imagens, como figuras desenhadas. Elas podem, muito bem, renovar o andamento das aulas, despertando interesse por parte dos discentes, além de possibilitar novos exercícios analíticos que não seriam possíveis a partir de outros materiais.

Ainda que trabalhar momentos históricos, bem como aspectos sociais, políticos e econômicos através da fotografia se faça possível, também se abrem possibilidades no estudo do próprio registro fotográfico como objeto e técnica revolucionários para a humanidade, os nomes envolvidos no seu desenvolvimento, bem como as tecnologias descobertas anteriormente à fotografia no formato como a conhecemos, como foi o caso das aulas ministradas pela presente autora, onde a própria fotografia era o foco do estudo e foi utilizada como meio para o ensino de sua própria história.

Os registros fotográficos também podem ser associados com a arte, com biografias – e, aqui, retratos desempenham um papel fundamental para criar um laço entre a história de indivíduos e os alunos –, bem como estudos acerca de eventos, regiões e quaisquer outros assunto que tenham acontecido a partir de 1939 e tenham sido registrados por fotógrafos, sejam eles profissionais ou não.

Por fim, ainda que exercícios e exposições diferenciadas utilizando a fotografia representem um trabalho de criatividade que exigirá tempo e preparação maiores que o normal do docente, é necessário considerar as possibilidades e benefícios que estudos de análise histórica dos registros fotográficos possam tornar possíveis. A fotografia, que a relativamente pouco tempo ganhou o status de fonte primária nos estudos históricos, não pode ser esquecida quando o assunto for o ensino da História.

### Referências

- BARROS, José D'Assunção. História da Cultura Material: notas sobre um campo histórico em suas relações intradisciplinares e interdisciplinares. In: **Patrimoniuss**. Março/2009.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CALADO, Isabel. **A utilização educativa das imagens**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. **Dimensões da Cultura Fotográfica no Sul do Brasil**. Ijuí: Unijuí, 2011.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. In: **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dez., 2005.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Repensar a História, repensar o seu ensino**. Porto: Porto Editora, 1994.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. Campinas: Papyrus, 1996. (Coleção Ofício de Arte e Forma)
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro. Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

LISSOVSKY, Maurício. A fotografia como documento histórico. In: **Fotografia**; Ciclo de Palestras sobre fotografias. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983. p. 117-126.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Tese (Mestrado em História) – Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro. 1990.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MOLINA, Ana Heloisa. Ensino de história e Imagem: possibilidades de pesquisa. In: **Série Estudos**, Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, Campo Grande – MT, n.21, jan/jun. 2006.

MONIOT, Henri. **Didactique de L'Histoire**. Paris: Édition Nathan, 1993.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. In: **Revista História** (São Paulo), Franca, v.27, n.2, 2008.

PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/Aprender História** – questões de didática aplicada. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

SIMAN, Lana Mara. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: ZARTH, Paulo A; et al. (orgs.) **Ensino de História e Educação**. Ijuí: ed. UNIJUÍ, 2004.